ARROZ

As lavouras irrigadas do Rio Grande do Sul ressentiram-se bastante dos efeitos da estiagem e se estima que serão colhidas 2,8 milhões de t. O replantio teve êxito no Centro-Oeste e é boa a safra do Maranhão. Os problemas, agora, estão na comercialização, com vendas abaixo do preço mínimo de garantia e dificuldades com o tabelamento, no caso de alguns tipos de arroz.

A mais recente estimativa do **IBGE** para a safra 1985/86 é auspiciosa: 10 milhões de t (ver Quadro 06). Em relação à safra passada, ocorreram acréscimos de 17,2% na área cultivada e de 11,8% na produção, com destaque para as lavouras maranhenses, com uma área 46,2% maior e um incremento de 118,3% na produção. Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás também apresentam ótimos desempenhos, alegando-se o êxito do replantio efetuado após a estiagem que afetou diversas áreas.

No Rio Grande do Sul, porém, a produção será menor. O recurso à irrigação antecipada não foi suficiente e as perdas derivadas da estiagem reduziram a safra a 2,8 milhões de t. As lavouras colhidas em março foram as semeadas no período ideal, de outubro/novembro; as colhidas em fevereiro foram plantadas em setembro e apresentaram pior desenvolvimento. Esperava-se elevado poder de recuperação dos arrozais, pois hoje são amplamente majoritárias as variedades **BR/IRGA-409** e **410** (ocupam cerca de 70% da área), que têm a característica de pronta recuperação quando chove.

No campo, a orizicultura gaúcha enfrenta alguns problemas, como o avanço, nos últimos anos, do **arroz vermelho**. Na região de maior produção, Uruguaiana, não há tanta infestação quanto na zona da Depressão Central e no Sul. Devido ao recalque mais difícil (levantes altos, com grande altura de recalque), o que obriga o plantio em chapadões, ali sempre foram utilizados **pacotes** tecnológicos mais avançados. Há também a vantagem, na região, do maior uso de equipamento elétrico, que permitiu a inundação sem o mesmo ônus da irrigação a óleo **Diesel**.

Os problemas mais sérios este ano, porém, estão fora do campo, na comercialização. O **Plano de Estabilização** acarretou dificuldades nesta área. Há semanas travam-se discussões entre representantes dos agri-

QUADRO 06 – ARROZ EM CASCA – PRODUÇÃO DAS SAFRAS 1984/85 E 1985/86[1]

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)		PRODUÇÃO (t)		RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)	
	1984/85	1985/86	1984/85	1985/86	1984/85	1985/86
Rio Grande do Sul	720.969	704.625	3.207.046	2.843.888	4.448	4.036
Goiás	859.980	1.086.080	1.115.240	1.398.070	1.297	1.287
Maranhão	642.068	939.675	622.877	1.361.762	970	1.448
Minas Gerais	539.445	576.303	850.974	939.669	1.577	1.631
Mato Grosso	406.589	600.656	521.776	796.328	1.283	1.326
São Paulo	305.775	305.000	508.111	471.000	1.662	1.544
Santa Catarina	144.005	148.500	446.366	425.000	3.100	2.862
Mato Grosso do Sul	242.341	230.000	323.993	276.000	1.337	1.200
Paraná	200.000	160.000	296.000	180.000	1.480	1.125
Piauí	208.101	223.887	266.807	279.859	1.282	1.250
Rondônia	147.851	182.601	220.548	316.758	1.492	1.735
Pará	98.479	110.113	133.530	126.995	1.356	1.153
Rio de Janeiro	32.205	37.410	104.709	123.453	3.251	3.300
Espírito Santo	35.151	39.230	97.970	120.061	2.787	3.060
Ceará	37.147	59.142	89.420	149.915	2.407	2.689
Bahia	49.015	78.639	66.513	114.135	1.357	1.451
Sergipe	10.181	11.096	29.087	26.808	2.857	2.416
Acre	22.520	23.833	27.792	34.025	1.234	1.428
Pernambuco	5.807	7.000	20.041	24.500	3.451	3.500
Alagoas	6.429	7.195	18.096	20.975	2.815	2.915
Roraima	9.726	1.050	15.689	3.494	1.613	3.328
Paraíba	9.360	12.306	14.871	22.759	1.589	1.849
Rio Grande do Norte	7.574	8.991	8.592	13.496	1.134	1.501
Distrito Federal	6.682	12.558	8.482	15.748	1.269	1.254
Amazonas	3.206	2.745	3.218	3.778	1.004	1.376
Amapá	1.272	1.363	1.408	1.464	1.107	1.074
BRASIL	4.751.878	5.568.912	9.019.156	10.082.952	1.898	1.811

FONTE – IBGE.
[1] Estimativa de março.

cultores gaúchos e do governo federal, para se tentar solucionar o impasse criado pela tabela da **Sunab**. Segundo a **Companhia de Financiamento da Produção**, o preço estabelecido apresenta uma defasagem de 15% em relação ao preço mínimo. Isto no caso do arroz **agulhinha**, tipo 2 (o arroz de **sequeiro**, tipo 2, ainda consegue uma pequena margem, mas o tipo 3 também não tem cotação compatível com o preço de garantia). Para que a agroindústria pagasse os Cz$ 130,00/50 kg do arroz irrigado (o preço mínimo do **sequeiro** é de Cz$ 133,80) o preço do varejo, segundo a **Federação das Cooperativas de Arroz do Rio Grande do Sul** deveria ser de Cz$ 7,43 e há a reivindicação de um reajuste para Cz$ 7,60/kg.

O mercado do arroz estava estabilizado desde o início de fevereiro, pois havia produto da safra anterior, pequenas entradas da nova e do arroz importado, além da venda aos supermercados de arroz estocado pelo governo federal. Em fevereiro, os preços do **agulhinha** no varejo oscilaram entre Cz$ 4,93 e Cz$ 6,30, em São Paulo e entre Cz$ 5,12 e Cz$ 6,57, no Rio de Janeiro (ver Quadro 07). O tabelamento, no fim do mês, **congelou** uma situação irreal e o **Conselho Interministerial de Abastecimento**, nas reuniões com representantes dos arrozeiros, deparou-se com propostas de mudança da tabela ou adoção de um subsídio na compra oficial. Propôs-se, igualmente, a fixação de preços para o arroz **longo** dos tipos 4 e 5 e para o produto abaixo do padrão, o que permitiria retomar a comercialização do arroz de **sequeiro**. Outra proposta foi a de se autorizar o **Instituto Rio-grandense do Arroz** a adquirir arroz beneficiado por cerca de Cz$ 330,00/60 kg, para que as indústrias mantivessem sua margem **normal** de comercialização, pagando os Cz$ 130,00/50 kg ao produtor rural. Nas duas primeiras semanas de abril, a saca do arroz beneficiado atingiu uma cotação máxima de Cz$ 290,00.

QUADRO 07 – PREÇOS[1] NO ATACADO E NO VAREJO DE SÃO PAULO E NO VAREJO DO RIO DE JANEIRO – Cz$/kg e Cz$/30 kg – 1984-86

MÊS	RIO DE JANEIRO			SÃO PAULO					
	Varejo (Cz$/kg)			Atacado (Cz$/30 kg)			Varejo (Cz$/kg)		
	1984	1985	1986	1984	1985	1986	1984	1985	1986
Janeiro	5,87	6,98	5,92	179,16	202,59	209,12	5,63	6,04	5,69
Fevereiro	5,81	7,10	5,85	180,60	213,24	215,00	5,61	6,54	5,62
Março	5,82	6,72		165,89	187,98		5,63	6,24	
Abril	5,94	6,69		176,54	191,08		5,74	6,20	
Maio	5,66	7,06		167,76	200,79		5,43	7,90	
Junho	5,77	7,71		152,72	187,87		5,61	7,10	
Julho	5,89	7,18		161,38	193,65		5,67	6,77	
Agosto	6,29	6,61		156,14	185,86		5,93	6,45	
Setembro	5,95	6,47		165,99	179,92		5,66	6,34	
Outubro	6,28	6,50		185,20	172,53		5,65	6,41	
Novembro	6,74	5,98		183,10	174,01		6,06	5,82	
Dezembro	6,78	5,62		179,04	176,96		6,16	5,39	

FONTE – CFP e Conjuntura Econômica.
[1] Corrigidos pelo IGP-DI, para fevereiro de 1986.

Até o fim do mês, cerca de 70% da área estarão colhidos e terão cessado as vendas **emergenciais**, o que obrigará a maiores definições, por todos os agentes econômicos envolvidos, incluindo uma efetiva recomposição das margens.

No segundo maior estado produtor, Goiás, de acordo com dados da **Comissão Estadual de Planejamento Agrícola**, houve poucos pedidos de **Proagro**, nas regiões Sudoeste e Sul e pouco replantio. Nas áreas replantadas também ocorreram perdas, porém. Em meados de abril, entre 70% e 80% da área já estavam colhidos e o produtor enfrentava as dificuldades de sempre: o estado é extremamente carente de armazéns, silos e de secadores. A grande safra deste ano (ver Quadro 08) deverá se defrontar com problemas maiores. Sua secagem vem sendo feita no asfalto das estradas.

Embora possua extensos plantios mecanizados, a tecnificação dos arrozais goianos é precária. O Censo Agropecuário de 1980 revelou que 44% dos produtores só utilizam sementes comuns, 41% empregam sementes comuns e alguma tecnologia e apenas 14% utilizam sementes selecionadas e tecnologia. Outro indicador dos problemas estruturais da região é o fato de 63% da produção serem vendidos diretamente aos intermediários e apenas 5% entregues a cooperativas.

Em termos de precariedade, porém, a situação da orizicultura maranhense é mais grave. Existem apenas pequenas **manchas** de arroz irrigado na região de Arari e o **GCEA** está estimando a produção do arroz de **sequeiro** em 1,4 milhão de t. As zonas de produção mecanizada, no Sul e no Sudeste (Balsas e Imperatriz) estão colhendo e vêm obtendo um resultado muito bom, que pode confirmar os prognósticos otimistas para esta safra. A região central concentra sua colheita em maio, quando talvez já se tenha melhor definição da extensão das enchentes que, à semelhança deste mesmo período do ano passado, estão provocando muitos estragos. Em meados de abril, havia inundações nos vales do Itapicuru e Mearim, mas as perdas das lavouras limitavam-se às plantações ribeirinhas, de pouco peso na produção estadual. Caso se expandam, poderão mudar o bom quadro da atividade. Por enquanto, os cultivos de subsistência estão sendo perdidos e contam-se às dezenas de milhares os desabrigados.

No que se refere ao mercado, a **CFP** detectou operações em alguns pontos do estado do Maranhão a Cz$ 170,00/60 kg, preço inteiramente fora das condições de comercialização e atribuído à desinformação quanto ao atual balizamento do mercado pelo tabelamento no varejo. Pelo tipo 3, grão longo, a média tem girado em torno de Cz$ 133,80/60kg, mas há produtores vendendo, na unidade de medida local, pelo equivalente, a apenas Cz$ 100,00/60 kg.

Na safra de Minas Gerais, também foram identificados esparsos negócios a preços elevados, havendo extrema variação, entre Cz$ 110,00 e Cz$ 170,00, segundo a **Emater**. O preço mais elevado porém, de acordo com a **CFP**, deve-se a vendas de produto excepcionalmente bom, classificável como tipo 1, merecedor de uma receita adicional, pelo alto percentual de grãos inteiros.

A colheita está um pouco atrasada e há registro de perdas no vale do Rio Doce e na região limítrofe com Goiás, na latitude do Distrito Federal. O mês de março não registrou muitas chuvas e propiciou um bom início de colheita no Triângulo Mineiro. Nesta área, aliás, deve-se destacar o funcionamento, a **todo vapor**, das unidades de maceração lá instaladas, pois o preço do arroz macerado, tabelado no varejo, foi considerado favorável.

Também em Santa Catarina, usam-se processos industriais para a melhor colocação do produto no mercado. Em razão da classificação baixa, tradicionalmente obtida pelo arroz catarinense (tipos 3 e 4, com 30 a 35% de grãos inteiros), por se apresentar gessado e quebrado, faz-se a **solda** dos grãos, com o processo de transformação em arroz **amarelão**. Nesta safra, não houve maiores problemas nas lavouras, pois apenas a colheita efetuada em janeiro e fevereiro registrou perdas, que puderam ser parcialmente compensadas pelo replantio. As lavouras colhidas em março e abril estão bem, mas, devido à qualidade e à depressão do mercado, os preços não alcançam o preço mínimo, situando-se entre Cz$ 107 e Cz$ 117, segundo a **CFP**.

QUADRO 08 – ARROZ EM CASCA – PRODUÇÃO DE GOIÁS – 1975/76 – 1985/86

SAFRA	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	PARTICIPAÇÃO NO TOTAL DO BRASIL (%)	RENDIMENTO FÍSICO (kg/ha)
1975/76	1.144.128	1.319.458	13,5	1.153
1976/77	777.360	620.472	6,9	798
1977/78	752.550	621.120	8,5	825
1978/79	931.110	1.155.080	15,2	1.241
1979/80	1.184.200	1.460.180	14,9	1.233
1980/81	1.117.840	920.710	11,1	824
1981/82	1.128.700	1.394.500	14,3	1.235
1982/83	985.185	1.080.720	13,9	1.097
1983/84	1.029.570	1.037.760	11,5	1.008
1984/85	859.980	1.115.240	12,4	1.297
1985/86[1]	1.086.080	1.398.070	13,9	1.287

FONTE – IBGE.
[1] Estimativa de março.

Na mesma faixa estava sendo remunerado o arroz de Mato Grosso do Sul (Cz$ 110,00 a Cz$ 115,00/60 kg) mas, em meados de abril, praticamente não havía comercialização. Os produtores não aceitam os baixos preços oferecidos pelos cerealistas e estabeleceu-se um impasse. Ainda há, conforme dados da **Comissão Estadual de Planejamento Agrícola**, 25,5% da safra em floração, 36,5% em maturação e 38% estão sendo colhidos. Isto equivale à área remanescente em que houve replantio (65% da área foram perdidos, com a estiagem). Na área replantada, os arrozais estão em desenvolvimento vegetativo e em floração. O que já foi colhido não apresentou boa qualidade, mas o restante a colher apresenta-se bem e deverá resultar num arroz melhor.

Em linhas gerais, a atual depressão das cotações afeta todas as regiões produtoras, mas o mercado vem sendo bem abastecido, apesar da incompatibilidade com a tabela da **Sunab**. A necessidade do pagamento imediato de dívidas tem levado parcela dos agricultores a aceitar os baixos preços pagos pela intermediação, o que tem assegurado um fluxo pequeno, mas ininterrupto, até o momento. Ocorre que, com o início das operações oficiais de empréstimos e aquisição, introduz-se no campo um preço mais elevado, capaz de abalar a atual precária comercialização.

Há que considerar, outrossim, que a atual taxa de juros do crédito agrícola, de 3%, com possibilidade de majoração, como desejo dos agentes financeiros, é um fator de inquietação para os agricultores, que precisam ter a certeza de poderem repassá-la aos compradores. Caso contrário, optarão pela venda ao governo federal.

Também influenciará as cotações o final das vendas do arroz importado pela **Interbrás** e pela iniciativa privada que aliás, não despertou grande interesse da parte dos supermercados.

No ano corrente, mesmo que se obtenha a grande safra prevista pelo **IBGE**, as importações para o equilíbrio do abastecimento interno não foram descartadas. O consumo do arroz parece ter reencetado uma trajetória ascendente e foi estimado, pela **CFP**, em 10 milhões de t. Isto fez com que se considerasse surpreendente a recente divulgação de que serão importadas 1,2 milhão de t, justamente em um momento de tão grande indefinição.